

ISSN 2238-9113**ÁREA TEMÁTICA:** (marque uma das opções)

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TRABALHO
- TECNOLOGIA

REVERBERAÇÕES DO PROCESSO DE INCUBAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DAS TRABALHADORAS DA AFESOL COMO FORMADORAS EM ECONOMIA SOLIDÁRIA

Francisco Salau Brasil (fsbrasil@gmail.com)**Manuela Salau Brasil (manu_1ela2@hotmail.com)****Mariana Fernandes Siqueira (marianafs2013@hotmail.com)****Aline De Fátima Sklodowski (aline.mattauch@hotmail.com)****Lidiane Peres Diogo (lidiane.peresdiogo@gmail.com)**

RESUMO – O Programa de Extensão Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade Estadual de Ponta Grossa - IESol/UEPG acumula 10 anos de experiência com a incubação de empreendimentos de economia solidária em Ponta Grossa e municípios da região. O processo de incubação é orientado por uma metodologia que prevê a construção de um plano de atuação específico para cada empreendimento, considerando a realidade de cada um deles. Configura-se, portanto, como uma experiência rica em desafios e virtuosidades, contemplando dificuldades que nem sempre estavam previstas, bem como benefícios que extrapolam as metas previstas. O objetivo desta comunicação é apresentar o caso exitoso de um dos empreendimentos incubados pela IESol/UEPG, a Associação de Feirantes da Economia Solidária – AFESol, considerando que suas trabalhadoras protagonizaram uma experiência que ao mesmo tempo em que é fruto deste processo de incubação, supera seus objetivos iniciais. Trata-se de um trabalho como palestrantes de economia solidária em diferentes instituições. Através da realização de entrevistas, pretende-se analisar a percepção das participantes sobre esta atividade, e em que medida ela está em harmonia com o processo de emancipação.

PALAVRAS-CHAVE – Economia solidária. Incubação. Formação.

Introdução

Este artigo busca apresentar a experiência de um Empreendimento Econômico Solidário (EES) incubado pela Incubadora de Empreendimentos de Economia Solidária (IESol). Trata-se de uma vivência em que as trabalhadoras desenvolveram a capacidade de transmitir o conhecimento construído durante o processo de incubação.

Neste sentido, o artigo está estruturado da seguinte forma: nesta introdução serão abordados brevemente o trabalho da IESol e posteriormente da AFESol. Na sequência serão apresentados os objetivos, a discussão teórica-metodológica acerca de aspectos da economia

solidária e de uma formação para a emancipação, além dos instrumentos de pesquisa utilizados. Após, uma análise dos resultados e as considerações finais.

A IESol/UEPG constitui-se como um Programa de Extensão da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), criada em setembro de 2005, mesmo ano em que se integrou à Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCP'S).

Desde seu início, a IESol conta com uma equipe formada por alunos, professores, técnicos e voluntários de diversas áreas do conhecimento, tornando possível o contato multidisciplinar, valorizando e integrando os saberes populares e os científicos e comprometidos com transformações na sociedade.

O referido Programa de Extensão tem como objetivo principal a incubação de empreendimentos econômicos solidários, ou seja, o acompanhamento e assessoria aos seus trabalhadores, capacitando-os para a geração de trabalho e renda pautados nos princípios da Economia Solidária (EcoSol), além de propiciar o desenvolvimento de pesquisas e da extensão universitária.

A metodologia adotada para o processo de incubação abrange três fases que se complementam: pré-incubação (realização de diagnósticos participativos e apresentação da EcoSol e IESol), incubação (formações, assessorias) e graduação (autonomia do ees). É importante notar que esta metodologia não segue um padrão único e fechado, capaz de ser reaplicável a qualquer realidade. Ao contrário, uma de suas maiores riquezas, que converte-se também em desafio, é a capacidade de planejar, executar e avaliar planos de incubação distintos para os diferentes ees.

O presente texto aborda um determinado aspecto de um destes ees: a Associação de Feirantes da Economia Solidária, AFESOL. O grupo iniciou a pré-incubação em 2011, e no ano seguinte formalizou a associação com estatuto próprio e efetivou-se no processo de Incubação. Atualmente é composto por 6 participantes: 5 mulheres e 1 homem, que além de produzirem individualmente, através do processo de incubação optaram também pela produção coletiva de determinados produtos recicláveis.

Destaca-se que durante as formações os membros do ees desenvolveram o domínio da 'linguagem' sobre a Economia Solidária e também da transmissão dessas informações em outros espaços, o que será objeto de análise.

Objetivos

Analisar de que forma as trabalhadoras da AFESol perceberam a experiência de transmitir seus conhecimentos de economia solidária para diferentes públicos.

Referencial teórico-metodológico

Paul Singer é referência nacional e internacional em economia solidária, tanto por sua militância quanto por suas contribuições teóricas. De acordo com ele: “Nós costumamos definir economia solidária como um modo de produção que se caracteriza pela igualdade. Pela igualdade de direitos, os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles – essa é a característica central.” (SINGER, 2008, p. 289)

Um dos principais princípios da economia solidária é a autogestão, que

significa literalmente administrar, gerir a si mesmo, do grego *autos* [si mesmo] e do latim *gest-o*, [gerir], mas é utilizado para designar grupos que se organizam sem uma chefia. O princípio da autogestão parte então do pressuposto filosófico e político de que os homens são capazes de se organizarem sem dirigentes. Esse pressuposto está na base do movimento anarquista e dos movimentos libertários (LECHAT & BARCELOS. 2008, p. 97)

De acordo com Singer (2002, p. 21):

A autogestão tem como mérito principal não a eficiência econômica [necessária em si], mas o desenvolvimento humano que proporciona aos praticantes. Participar das discussões e decisões do coletivo, ao qual se está associado, educa e conscientiza, tornando a pessoa mais realizada, autoconfiante e segura.

A autogestão requer uma formação emancipadora, e por este conceito entendemos:

Ele significa o ato pelo qual a pessoa adquire o governo se si própria, libertando-se da tutela, da servidão, da submissão. Refere-se, pois, à conquista da autonomia [ou da capacidade de autogerir-se]. Este é o primeiro atributo da educação libertadora – apoiar o Homo na conquista da autonomia e da autogestão no pensar e agir, enquanto indivíduo e coletividade.(ARRUDA, 2009, p.22)

O processo de formação para a emancipação está em sintonia com a educação problematizadora conforme apontada Paulo Freire “ Ninguém educa ninguém. Ninguém se educa a si mesmo. Os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 1987, p. 39). Esta mesma visão está em consonância com a proposta da EcoSol e da opção metodológica da IESol.

Tais perspectivas orientam este estudo, em que foram entrevistadas 4 associadas (identificadas como rosa, margarida, violeta e jasmim) com idade média entre 55 e 60 anos, através da aplicação de um questionário composto por 8 questões. Este instrumento de pesquisa foi desenvolvido e aplicado para captar a percepção das trabalhadoras sobre as ações específicas como formadoras em economia solidária. Desta forma, amplia-se as possibilidades de uma avaliação mais eficiente sobre o processo de incubação em suas diversas dimensões.

Resultados

Entre 2013 e 2015 as trabalhadoras participaram como palestrantes em 08 eventos em diversas instituições: universidades pública e particular, escolas de ensino fundamental e técnico, além de uma associação de moradores.

No depoimento abaixo uma das entrevistadas, ao explicar o que entende por economia solidária, revela a mesma compreensão exposta por Singer anteriormente.

“Bem eu entendo que seria um modo diferente da gente tá produzindo, é [...] vendendo, comprando, visando o bem comum não só meu como de outro também vejo que a gente tem em relação à natureza “sabe” a preservação e cuidando dela, “não só” começando assim pela casa da gente “né”, pela família e se estendendo no trabalho principalmente depois na sequencia, eu vejo que é a valorização do trabalho humano, “sabe” porque hoje o mercado de trabalho tá difícil “né” para pessoas com mais de idade e com escolaridade, então é um meio de tá resgatando “sabe” esse dom que a pessoa tem, unindo né nesse grupo trazendo ela pro grupo pra que ela também se sinta útil. É a dignidade da pessoa né de estar conquistando algo que ela ainda pode ser produtiva (Jasmim, 56 anos).

Fica evidente que questões como igualdade, trabalho coletivo, valorização do trabalho e da pessoa deixam de ser apenas conceitos teóricos para se colocar como práxis. E sendo assim, as palestras são oriundas de um processo de apropriação e autonomia de quem fala com conhecimento prático e teórico.

As palestras foram realizadas com públicos diversos. Sobre a receptividade de um deles, formado por alunos de educação de jovens e adultos tem-se:

“Tivemos em Castro, seriam daí já de senhoras, então, eu achei que elas ficaram assim, como diziam, empolgadas, uma porque elas já ‘tavam’ praticando esse trabalho sabe [...] elas mostraram grande interesse e viram que o que elas ‘tavam’ fazendo também poderia ser uma forma de Economia Solidária também né, que é o trabalho que elas faziam na casa sabe, e se reuniam para comercializar quando tinham algum evento ali na localidade delas sabe.” (Jasmim, 56 anos)

Com relação ao público de estudantes universitários:

“Foi no, ah! no colégio Sant’Ana [...] lá já era uma turma de Psicologia, ultimo ano [...] como posso dizer, eles entenderam, fizeram muitas perguntas, não eram todos que tinham conhecimento o que seria a Economia Solidária [...], a gente falou sobre nosso trabalho né, como que funcionava a nossa associação e como que nós produzíamos e a partir da onde. Sabe, eu achei muito valida também, muito interessante” (Jasmim, 56 anos)

Abaixo destaca-se um aspecto que se sobressai em especial quando se trata da Universidade:

E eu saí muito orgulhosa! Sabe? De não ter estudo nenhum e de ter saído de um lugar, de uma universidade e dois jovens vir e me abraçar e dizer que gostaram de ter me conhecido [...] eu fui ali pra falar de uma vivência. Acho importante sair daqui do lugarzinho da gente, que daí as pessoas conhecem, porque nem todo mundo sabe o que é Economia Solidária por aí, nem sabe falar o que é, nunca ouviram falar, e quando a gente aparece pra falar, eles ficam um pouco curioso, pra querer conhecer. (Margarida, 59 anos)

Abaixo a percepção sobre um terceiro tipo de público, neste caso, formado por crianças:

“Ultimamente foi no colégio Marista, pra essa turma de crianças, olha me surpreendeu sabe?!, eles entenderam o que foi explicado, que o Kiko explicou, eles ficaram muito interessados, porque eles fizeram muitas perguntas, eu pensei assim: não a criança não vai entender nada, vai entrar por aqui e vai sair, mais não, eles fizeram perguntas assim, que até eu fiquei assim, ‘uh, oh!’ que perguntas! (risos). Então, eles mostraram interesse, eu acho que isso já é um grande passo[...] eles ficaram realmente preocupados, [...] no sentido do capitalismo com a Economia Solidária, eu achei muito interessante, gostei.” (Jasmim, 56 anos).

A diversidade dos participantes exigiu um esforço adicional no que diz respeito a forma de expor e dialogar com cada um deles de forma específica. Estes aspectos reforçam que ao mesmo tempo que ensinam e transmitem o conhecimento da experiência, as trabalhadoras também aprendem. A troca de saberes e conhecimento é explorada por Paulo Freire (1996, p. 23) ao afirmar que “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”, embora existam diferenças entre os sujeitos envolvidos isso não os tornam objetos um do outro. Nas falas abaixo pode-se observar esse aspecto:

“Passar um pouco do que a gente sabe, do conhecimento para os outros é aprender também, porque a gente vai dar uma palestra e acaba aprendendo com os outros” (Violeta, 58 anos)

“Assim como a gente ensina, a gente conta a experiência de economia solidária pra eles, a gente aprende com eles também, com quem escuta, com as palestras.” (Rosa, 57 anos)

A vivência como palestrantes não era algo previsto inicialmente, mas os resultados foram positivos tanto para a equipe de incubação quanto para as trabalhadoras, conforme demonstram as seguintes falas:

“É algo que eu queria muito e não sabia. Porque, eu cresci muito né, eu era, eu era não, eu sou muito tímida e assim, conviver com as pessoas e ver e fazer as coisas que a gente faz para as pessoas, foi e é muito gratificante pra mim. Eu cresci bastante nessa parte”. (Violeta, 58 anos)

“Bem, eu não sou muito de falar, não gosto muito de falar, sabe? Mas eu me sinto bem falando, porque eu me sinto que estou ajudando as pessoas.” (Rosa, 57 anos)

Os resultados encorajam novos projetos e expectativas, retratadas na seguinte frase:

“Agora que já dei palestras, quero lançar um livro sobre economia solidária” (Rosa, 57 anos)

Como síntese, tem-se o significado destas vivências expressa pela trabalhadora citada:

“Mas eu gosto muito da Economia Solidária! Eu adoro Economia Solidária, porque me ajudou me deu vida. Eu gosto muito, sabe? De participar, não só de vender, eu gosto de participar também. Participar dos congressos, das palestras fora, de tudo que eu já participei pra mim foi muito bom.” (Rosa, 57 anos)

As falas evidenciam uma percepção positiva das trabalhadoras entrevistadas a respeito da descoberta de uma nova habilidade, fruto do processo de incubação. Reforça-se a incubação como potencialização de sentidos e experiências que não se restringem às questões

mais objetivas do trabalho, mas que sem negligenciá-las, as superam a favor de uma visão mais integral do ser humano e de sua relação com a sociedade.

Considerações Finais

Os depoimentos acima comprovam que a autonomia conquistada é fruto da práxis e de um processo voltado para a emancipação. Assim é o processo de incubação da IESol, que ao invés de optar por formações e consultorias somente técnicas e de cunho tradicional, com vistas a alcançar resultados rápidos e de cunho apenas econômico, preza por uma metodologia participativa, democrática e multidimensional.

A AFESol é um empreendimento econômico solidário que comprova os resultados positivos deste processo, mais ainda, supera-os. As trabalhadoras entrevistadas revelam que não só compreendem seu trabalho na economia solidária, como através dele descobriram uma nova habilidade, qual seja a de passar a ser formadoras deste mesmo tema.

APOIO: PROEXT; CNPq.; PETROBRAS (patrocínio)

Referências

ARRUDA, M. **Educação para uma economia do amor:** educação da práxis e economia solidária. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2009.

FREIRE, P., **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa, São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148p.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LECHAT, N. P. & BARCELOS. E. S., **Autogestão:** desafios políticos e metodológicos na incubação de empreendimentos econômicos solidários. *Katálisis*, v.11 (1), pp.96-104, 2008

SINGER, P. **Introdução à economia solidária:** São Paulo: Perseu Abramo, 2002

SINGER, P., **Estudos avançados 22(62)**. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/ea/v22n62/a20v2262.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2015